

INTERVENÇÃO GRUPAL COM ENFOQUE NO CUIDADO EMOCIONAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA¹

GROUP INTERVENTION FOCUSING ON EMOTIONAL CARE: A REPORT OF AN EXPERIENCE

INTERVENCIÓN GRUPAL CENTRADA EN EL CUIDADO EMOCIONAL: RELATO DE UNA EXPERIENCIA

Denize Bouttelet Munari²
Viviane Ribeiro³
Marli Moreira Lopes⁴

RESUMO: A atenção à saúde emocional do ser humano deve estar focalizada em qualquer circunstância do seu desenvolvimento, necessitando de enfoque especial no momento de adoecimento do indivíduo, pois, nessa circunstância, vemos surgir fragilidade, medo, desconforto e ansiedade, comuns na situação de hospitalização. Apresentamos uma experiência da utilização do grupo como estratégia na intervenção junto a pacientes internados em clínica médica, com vistas a implementação do cuidado emocional. Mostramos a trajetória do grupo, pontuando as características do trabalho com essa clientela, sinalizando suas peculiaridades. A experiência nos permite afirmar que o grupo é um instrumento de grande valia para o enfermeiro no planejamento de sua intervenção para esse tipo de paciente, oferecendo caminhos para o cuidado emocional. Requer, no entanto, preparo específico do profissional e domínio da dinâmica grupal como forma de melhor aproveitar os “fatores curativos” do grupo.

PALAVRAS-CHAVE: cuidado emocional, intervenção de enfermagem, grupo operativo

ABSTRACT: Attention to emotional health should be given at any circumstances of human beings development. It is especially necessary when an individual is ill and feels fragile, afraid, uncomfortable and anxious due to hospitalization. In this paper, we present an experience in which group work was used as a strategy of assistance to patients in the hospital, aiming at the implementation of an emotional assistance plan. The trajectory of the group, as well as the characteristics of the work done and its peculiarities are shown in this study. Results indicate that group work is a valuable tool for planning emotional care to these patients. However, it requires specific preparation and knowledge of group dynamics on the part of nursing professionals, so that the “healing” potential of group work can be better used.

KEYWORDS: Nursing, health care, group

RESUMEN: La atención a la salud emocional del ser humano debe estar presente en cualquier circunstancia de su desarrollo y necesita un enfoque especial en el momento en que la persona está enferma, porque en esa circunstancia, es cuando se ve la fragilidad, el miedo, la incomodidad y ansiedad, tan comunes en las situaciones de hospitalización. Presentamos una experiencia de grupo como estrategia en la intervención de pacientes internados en la clínica médica, para que se pueda implementar el cuidado emocional. Mostrando la trayectoria del grupo, señalando las características del trabajo con esa clientela y destacando sus peculiaridades. La experiencia nos permite afirmar que el grupo es un instrumento muy valioso para el enfermero en la planificación de su intervención para ese tipo de paciente y ofrece caminos para el cuidado emocional. Sin embargo, se requiere un preparo específico del profesional y dominio de la dinámica de grupo como forma de aprovechar mejor “los factores curativos” del grupo.

PALABRAS CLAVE: cuidado, enfermería, grupo

Recebido em 22/04/2002
Aprovado em 24/09/2002

¹ Pesquisa financiada CNPq/ realizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde Integral/FEN/UFG.

² Doutora em Enfermagem. Professora Titular da Faculdade de Enfermagem FEN/UFG.

³ Enfermeira da Rede SARAH de Hospitais do Aparelho Locomotor.

⁴ Enfermeira do Hospital Samaritano de Goiânia-GO.

INTRODUÇÃO

O cotidiano do trabalho em saúde nos revela que as emoções, muitas vezes menosprezadas pela equipe de saúde, podem se tornar fatores agravantes do estado físico do paciente segundo autores como Silva (1994), Goleman (1996), Ball (1998) e Sá (2000).

A Enfermagem, por sua vez, tem buscado se instrumentalizar para trabalhar na perspectiva do cuidado holístico, que considera a integração do homem no mundo em que vive, processo esse que valoriza as dimensões do processo de adoecimento (CHAVES; IDE, 1995, SILVA, 1996, WALDOW, 1998, ESPERIDIÃO; MUNARI, 2000).

A atenção à saúde emocional do ser humano deve estar focalizada em qualquer circunstância do seu desenvolvimento, mas necessita de enfoque especial no momento de adoecimento do indivíduo, sendo que é nessa circunstância que vemos surgir fragilidade, medo, desconforto e ansiedade, comuns na situação de hospitalização. Este episódio se constitui em uma experiência única, que interrompe o curso normal da vida do sujeito, impedindo-o de exercer seus papéis e projetos de vida. "É um estado de ruptura com a essência singular do sujeito, onde a imposição e a coerção estão presentes desde a opção pela internação, até o momento da alta" (CHAVES; IDE, 1995, p.174).

Ao trabalharmos com pacientes cirúrgicos durante a internação em um trabalho de abordagem grupal, confirmamos a necessidade de não desprezarmos esses aspectos por serem os mesmos, segundo Ribeiro e Munari (1998) fatores facilitadores na recuperação dos pacientes. Os resultados obtidos mostraram que a abordagem grupal facilita o cuidado do emocional, permitindo a diminuição do desconforto desses pacientes.

Para Munari e Zago (1997) e Muniz e Taunay (2000) é exatamente esse o propósito de grupos que propõem apoio ao sujeito em uma dada situação de fragilidade da sua saúde, por favorecerem a manifestação de sentimentos, a compreensão e aceitação da doença e de todo o processo que a acompanha.

Assim, nos propusemos, neste estudo, apresentar nossa experiência junto a pacientes internados em clínica médica, através da abordagem grupal como estratégia de facilitação do cuidado emocional.

FOCALIZANDO O CENÁRIO

A experiência foi realizada no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, com doze pacientes internados na unidade de clínica médica, composta de enfermarias distribuídas por sexo e especialidade. A implementação do grupo foi baseada na literatura sobre grupos e na experiência das autoras.

O objetivo traçado para o trabalho visava oferecer, através da estrutura grupal, um espaço para abordar a situação da internação dos pacientes, compreendendo ser este um momento para trocas de experiências e apoio emocional aos pacientes, que eram convidados a participar do grupo após serem informados sobre o seu objetivo.

Os encontros foram realizados sempre no mesmo local, durante dois meses, através de reuniões semanais

com duração aproximada de sessenta minutos, sendo que em cada reunião contávamos com uma média de seis pacientes. Os mesmos eram organizados contando com estratégias elaboradas para o grupo, que serviam apenas como mediadoras da comunicação enfermeiro-paciente, possibilitando que estes colocassem com maior facilidade suas preocupações naquele momento.

A TRAJETÓRIA DO GRUPO

Desenvolvemos um grupo de natureza operativa, que tinha como tarefa refletir sobre questões da hospitalização e sua interferência no emocional da pessoa internada, cuja estruturação foi baseada no estudo de Munari e Rodrigues (1997).

A diferença substancial que identificamos no trabalho com essa clientela daquele realizado com pacientes de clínica cirúrgica (RIBEIRO; MUNARI, 1998) é que, ao contrário da necessidade de se trabalhar o imediato e da participação ativa dos pacientes cirúrgicos, os pacientes de clínica médica, em geral com doenças crônicas e história de sofrimento contínua desde o diagnóstico, necessitam de um enquadre diferenciado. A abordagem dessa clientela deve ser cuidadosa, pois muitas vezes é necessário "conhecer os meandros e os significados da enfermidade, as formas de conviver com o mundo e a perspectiva de mudar esta convivência para melhor" (MELLO FILHO, 1997, p. 192).

Para a intervenção, elaboramos estratégias que intermediavam a comunicação enfermeiro-paciente, como colagem, argila, massas de modelar, através das quais os pacientes expressavam seus sentimentos, ao invés do uso exclusivo do verbal, mais comum no grupo de pacientes cirúrgicos.

Respeitando a necessidade de tempo de cada um e algumas resistências, a tarefa era sempre bem aceita pelos participantes que, durante o desenvolvimento da atividade, começavam a se soltar, conversando uns com os outros sobre seus diagnósticos, tempo de internação, tipos de exames, falavam informalmente sobre suas preocupações. A intervenção das coordenadoras era apenas para elucidar o significado do que foi produzido, momento em que validávamos os sentimentos e sua compreensão pelo grupo. Consideramos essa etapa fundamental, tendo em vista o que coloca Stefanelli (1993, p.137): "Nem sempre a mensagem não verbal tem o mesmo significado para diferentes pessoas e situações; o que exige validação verbal da compreensão dos sinais não verbais percebidos".

O desenvolvimento da atividade mostrou-nos, além da riqueza do conteúdo, a emergência dos fatores curativos descritos por Yalon (1975). Os pacientes pareciam inicialmente angustiados com aqueles sentimentos, alguns bastante emocionados e, à medida em que confiavam no grupo, iam se mostrando mais à vontade para falar de sua dor, ficavam mais "donos" e confiantes do valor de sua emoção. O medo ia dando lugar à esperança e à convivência com os demais pacientes que partilhavam da mesma problemática da internação, se tornava um porto seguro. O material individual produzido na atividade expressava de modo particular os sentimentos comuns dos integrantes do grupo. Alguns temas foram lugar comum em todos os encontros do grupo, como as preocupações relacionadas à família:

Como estão se virando sem mim?” (I-06), *“Como que eles estão cuidando dos meus filhos?”* I-01 (paciente do interior do estado, há mais de 20 dias sem ver os filhos pequenos), *“Fico pensando no meu velho sozinho lá, eu sozinha aqui...”* I-10 (paciente do Maranhão, sem família em Goiânia).

A dúvida com relação ao tratamento, ao diagnóstico e a demora da melhora também foram temas freqüentes: *“As plaquetas que não sobem”* I-07 (paciente internado há três meses, proveniente do Acre, sem familiares em Goiânia), *“Me sinto igual um objeto de estudo deles”* I-11 (paciente funcionário do hospital, internado pela endocrinologia para exames de diagnóstico).

A incerteza sobre o futuro era manifestada de forma direta, sempre acompanhada de expressões de fé e confiança principalmente em um ser superior.

A participação dos pacientes não era muito homogênea, até porque deixamos livre para que participassem quando se sentissem à vontade. Alguns sempre apareciam com grande entusiasmo, nos abordando nos corredores para saberem qual seria a atividade do dia, demonstrando pesar por ser tão pouco tempo na semana.

Desenvolver esse tipo de trabalho com pacientes internados em clínica médica mostrou a eficiência dessa abordagem, uma vez que estes se encontram fora do seu contexto habitual, rodeado por elementos novos e, não raras vezes, vivenciando um momento doloroso. O grupo ofereceu oportunidade para que o paciente se sentisse incluído naquele meio, ao mesmo tempo em que valorizava a sua individualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que o grupo é um importante aliado do enfermeiro para o seu próprio engrandecimento humano e profissional além de tornar a intervenção em enfermagem para o cuidado emocional mais efetiva.

O trabalho grupal exige do profissional interesse e preparo, essa metodologia pressupõe o domínio da dinâmica grupal, criatividade para elaboração de recursos e estratégias que facilitem a comunicação. A abordagem de pacientes crônicos é tarefa gratificante mas que apresenta peculiaridades, algumas por nós descritas neste trabalho, outras ainda que ainda estamos desenvolvendo.

Chaves e Ide (1995, p. 175) afirmam que em geral, “para o paciente a internação, freqüentemente é vista e sentida como algo transitório; um mal necessário que permitirá seu retorno a um estado de saúde compatível com sua vida cotidiana”. Algumas vezes os pacientes demonstravam ter a sensação de que sua vida estava reduzida à própria internação, apresentando-se apáticos e desanimados. Cabia a nós a elaboração de intervenções fundamentadas em recursos técnicos e teóricos e direcionar

o trabalho para o melhor aproveitamento dos “fatores curativos” do grupo.

REFERÊNCIAS

BALL, J. **Compreendendo as doenças**: pequeno manual do profissional de saúde. São Paulo: Agora, 1998.

CHAVES, E. C.; IDE, C. A. C. Singularidade dos sujeitos na vivência dos papéis sociais envolvidos na hospitalização. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 173-79, 1995.

ESPERIDIÃO, E.; MUNARI, D. B. Repensando a formação do enfermeiro e investindo na pessoa: algumas contribuições da abordagem gestáltica. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v.53, n.3, p.415-423, jul./set. 2000.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

MELLO FILHO, J. Grupoterapia com pacientes somáticos: 25 anos de experiência. In: ZIMMERMAN, D.; OSÓRIO, L.C. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MUNARI, D. B.; RODRIGUES, A.R.F. **Enfermagem e grupos**. Goiânia: AB Editora, 1997.

MUNARI, D. B.; ZAGO, M. M. F. Grupos de apoio/suporte e grupos de auto-ajuda: aspectos conceituais e operacionais, semelhanças e diferenças. **Rev. Enf. UERJ**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 359-366, 1997.

MUNIZ, J.R.; TAUNAY, M.S.E. Grupos de Enfermaria no Hospital Geral. In: MELLO FILHO, J. **Grupo e Corpo**: psicoterapia de grupo com pacientes somáticos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RIBEIRO, V.; MUNARI, D. B. Saúde mental em clínica cirúrgica: desenvolvimento de ações de enfermagem através do grupo de suporte/apoio. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v.51, n.1, p. 147-164, jan./mar. 1998.

SÁ, A. C. **O cuidado emocional**. São Paulo: Robe Editorial, 2000.

SILVA, M. **Quem ama não adocece**: o papel das emoções na prevenção e cura das doenças. São Paulo: Best Seller, 1994.

SILVA, M. J. P. **Comunicação tem remédio**: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. São Paulo: Gente, 1996.

STEFANELLI, M. C. **Comunicação com paciente**: teoria e ensino. São Paulo: Robe editorial, 1993.

WALDOW, V. R. **Cuidado Humano**: o resgate necessário. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998.

YALON, I. D. **The theory and practice of group psychotherapy**. NewYork/London: Basic Books Inc. Publishers, 1975.